

Setor de serviços puxa aumento de 1,2% no PIB do país no 2º trimestre

Consumo das famílias e serviços puxam alta do PIB

Avanço no segundo trimestre foi de 1,2% ante os três meses anteriores. Indústria e investimentos também se destacam

ANDERSON AIRES
anderson.aires@zerohora.com.br

A economia brasileira teve crescimento de 1,2% no segundo trimestre deste ano em relação aos três meses anteriores. A alta do Produto Interno Bruto (PIB) é o quarto resultado positivo seguido do indicador, após queda de 0,3% no segundo trimestre do ano passado. Os dados foram divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O PIB é a soma dos bens e serviços produzidos no Brasil e chegou a R\$ 2,404 trilhões em valores correntes no período. Na comparação com o segundo trimestre de 2021, a alta foi de 3,2%.

Com o resultado, o PIB avançou 2,5% no primeiro semestre do ano. A atividade econômica do país está 3% acima do patamar pré-pandemia – registrado no quarto trimestre de 2019 – e alcança o segundo patamar mais alto da série, atrás apenas do resultado do primeiro trimestre de 2014.

Os dados do segundo trimestre deste ano foram impactados positivamente pelo crescimento de 1,3% nos serviços. A indústria apresentou alta de 2,2%. Já a agropecuária avançou 0,5%, após queda de 0,9% no período anterior. O IBGE destacou a participação das atividades presenciais dentro dos serviços.

– Os serviços estão pesando 70% da economia, então têm um impacto maior nesse resultado. Dentro dos serviços, outras atividades de serviços (3,3%), transportes (3%) e informação e comunicação (2,9%) avançaram e puxaram essa alta. Em outras atividades de serviços estão os serviços presenciais, que estavam repressados durante a pandemia, como os restaurantes e hotéis, por exemplo – explicou a coordenadora de Contas Nacionais do IBGE, Rebeca Palis.

O consumo das famílias cresceu 2,6% no segundo trimestre. Essa é a maior expansão nesse grupo desde o quarto trimestre de 2020, quando avançou 3,1%. Já o consumo do governo recuou 0,9%.

– A alta do consumo das famílias está relacionada à volta do crescimento dos serviços prestados às famílias, em decorrência dos serviços presenciais que estavam com a

demanda repressada na pandemia. Um reflexo disso é o aumento no preço das passagens aéreas, consequência do crescimento da demanda – afirma Rebeca.

O professor Fernando Ferrari Filho, titular do curso de pós-graduação em Economia da UFRGS, também cita a injeção de recursos via benefícios dentro desse impulso de serviços: – Houve medidas que foram fundamentais no início do ano, como saque extraordinário do FGTS e antecipação de 13º salário para algumas categorias. Tudo isso acaba puxando o nível de consumo.

Subsetores

O salto da indústria é o segundo resultado positivo seguido, após queda de 0,9% no quarto trimestre do ano passado. O avanço é o mais alto para o setor desde o terceiro trimestre de 2020, quando começava a se recuperar dos efeitos da pandemia, performando sobre base fraca. A expansão ocorre diante dos desempenhos positivos na atividade de eletricidade e gás, água, esgoto, gestão de resíduos, na construção, nas indústrias extrativas e nas indústrias de transformação.

– Houve crescimento em todos os subsectores da indústria. Um deles é a construção civil, que vem enfrentando problemas há anos e foi bastante afetada na pandemia, mas está se recuperando há alguns trimestres – avaliou Rebeca.

Na agropecuária, a coordenadora afirmou que o setor é muito ligado à sazonalidade. Assim, o recuo na produção de soja influenciou o resultado desse ramo da economia no semestre, acrescentou.

Nos investimentos, a formação bruta de capital fixo cresceu 4,8%. O IBGE afirma que esse resultado ocorre diante do desempenho das atividades de construção e de formação e comunicação.

– Nessa última atividade (informação e comunicação), o desempenho positivo está especialmente relacionado ao desenvolvimento de software – afirmou Rebeca.

Em comunicado, o Ministério da Economia avaliou que o PIB mostra a “continuidade da retomada e sustentabilidade da atividade econômica” no país.

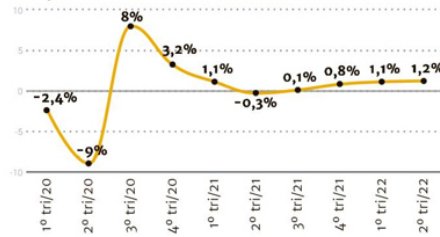
Os números

Dados relativos ao PIB do segundo trimestre deste ano. O PIB é a soma dos bens e serviços produzidos no país em determinado período

COMPARAÇÕES

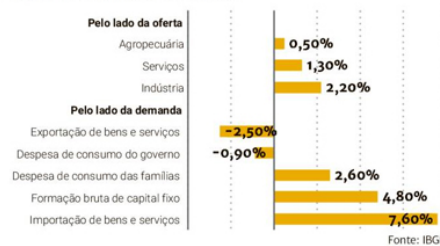


Varição frente ao trimestre imediatamente anterior



Por setores no segundo trimestre (em relação ao trimestre anterior)

Pesando 70% da economia, segmento de serviços segue com maior impacto no indicador



“No terceiro trimestre, tem o início dos efeitos da PEC dos Benefícios, como o aumento no Auxílio Brasil, os auxílios para taxistas e caminhoneiros. Então, isso tudo acaba contribuindo para mais injeção de renda na economia. Automaticamente, isso tende a puxar o consumo das famílias.

FERNANDO FERRARI FILHO
Professor titular do curso de pós-graduação em Economia da UFRGS

“Para 2023 é que fica o grande desafio para o próximo governante. Como recuperar a economia depois de um crescimento até que importante, que provavelmente deve ficar acima de 2% em 2022. Para o ano que vem, tem gente falando até em queda no PIB. A gente está com projeção de 0,1%.

ALEX AGOSTINI
Economista-chefe da agência de classificação de risco Austin Rating

Projeção de avanços em ritmos menores

A economia deve seguir aquecida nos próximos meses, mas com perda de fôlego após avanço de 1,2% no segundo trimestre, que veio acima das expectativas. Efeitos de benefícios sociais e da desaceleração da inflação no consumo das famílias ajudam a manter a atividade no azul. Por outro lado, juro básico ainda em patamar elevado e incertezas diante das eleições presidenciais tiram o apetite no âmbito dos investimentos.

Fernando Ferrari Filho, professor do curso de pós-graduação em Economia da UFRGS, estima que a atividade econômica seguirá avançando no terceiro e no quarto trimestres, mas rondando a casa do 1%. Esse movimento continuará baseado no setor de serviços, diz. Desaceleração da inflação é um dos fatores que ajudam a explicar esse resultado, acrescenta.

Nos investimentos, Ferrari Filho não vê espaço para a mesma dinâmica do segundo trimestre. Efeitos da sequência de altas da taxa Selic e menos disposição das empresas em realizar aportes às vésperas das eleições são alguns dos fatores contrários, comenta.

Alex Agostini, economista-chefe da agência de classificação de risco Austin Rating, afirma que a redução de preços em alguns itens (como combustíveis e alimentos) e efeitos de benefícios (como aumento no Auxílio Brasil) ajudam a manter a economia aquecida, mesmo que em patamar menor até o fim do ano. Mas ele destaca que 2023 deve sofrer com a transferência de problemas fiscais de 2022:

– A questão do risco fiscal, da desaceleração do consumo, dos juros, da inflação que pode voltar a acelerar no início do ano que vem. Há toda essa preocupação, além do cenário internacional desacelerando.

Nesse contexto, para 2023, Agostini afirma que existe grande desafio para a próxima gestão federal.